

# Benevolência

Um conto de  
Bia Machado

Caligo Editora

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."***



**BENEVOLÊNCIA**  
**Um conto de Bia Machado**

Copyright: Bia Machado, Caligo Editora, 2014.

Conto integrante da antologia “Redrum: Contos de Crime e Morte”, organizada por Vitor de Toledo Stuani.

Maiores informações: <http://caligoeditora.com>

Revisão: Bia Machado

**OBRIGADA POR TEREM VINDO, POR ACREDITAREM QUE TENHO ALGO RELEVANTE A DIZER SOBRE O CASO TORRES.** Sim, já faz tanto tempo! Até fiquei espantada por responderem minha carta, solicitando alguém a quem pudesse relatar o que sei, de uma forma como não consegui nem mesmo em julgamento. E, se me perguntarem o porquê, respondo sem problema: é preciso que todos saibam exatamente o que aconteceu, estes anos passados representam um período longo em que abusei da confiança, da credulidade de todos. O fato é que, na época disse apenas o necessário para me livrar de qualquer culpa que viessem a colocar sobre mim, o que consegui, e não poderia ser diferente, já que sou realmente inocente. Só não houve jeito de me livrar de mim mesma. Porque eu sabia de muitas coisas. Não posso mais negar.

Nova Vivaldi é pequena demais, isso deve ser do conhecimento de vocês. Aqui, todos sabem de todos, quase a respeito de tudo. Para a maioria não há muita distração além da vida alheia. Muitos passam grande parte do tempo cuidando o portão e as janelas das casas do vizinho. Às vezes, mais do que isso. Confesso que fui uma dessas pessoas. E quando um crime acontece em uma cidade onde nunca, ouçam bem, nunca houve um assassinato, uma morte violenta, penso que todos se sentem envolvidos. Mesmo hoje, décadas depois, tudo ainda parece irreal. E Nova Vivaldi continua quase como era na época. Quase. Já houve outros crimes desde aquela época, infelizmente. A modernidade chega, os valores vão se perdendo até mesmo por aqui, onde parece que nada acontece. Só que nenhum crime posterior foi capaz de apagar o assombro que foi aquele, em 1951.

Penso no crime, nas vítimas, pois apesar de uma morte ter acontecido, muitos foram os vitimados. Penso em Cassiana, em Manoela, até mesmo em Euzébio, embora ele tenha sido apenas um fantasma para mim, a imagem construída a partir dos relatos da menina. A menina... Ainda estará viva? Se sim, como estará? Penso em mim mesma, ao ter participado disso tudo, mesmo não tendo a intenção. Será que não tive mesmo? Houve um culpado maior nessa história, ou um único, ou devemos assumir que cada um, cada um foi responsável por uma cota igual?

Pode ser que eu não queira ter a resposta para tal questionamento. Não posso dizer que prefiro esquecer, pois os anos passados de forma tão devagar não esmaeceram nem uma cena sequer. Tal qual uma punição silenciosa, relembro cada detalhe. As respostas de Manoela para minhas perguntas, seus medos, seus anseios tão infantis, e a verdade por trás de seus atos, que custei a perceber... Lembro também do semblante fechado de Cassiana, sempre parecendo engasgada com um passado obscuro.

Sobre essa mania de cuidar a existência alheia, não é que eu quisesse bisbilhotar os outros, geralmente não faço isso, mas o sobrado onde moro é geminado com o sobrado onde moravam Cassiana e Manoela Torres. O terreno era um só, pertencia todo à minha família. Os dois imóveis foram construídos por meus avós, para que minha mãe, quando se casasse, ocupasse um deles. Seriam idênticos, não fosse por um detalhe, que logo direi. Quando meu pai faleceu, alguns anos depois que meus avós já tinham falecido, eu e mamãe nos mudamos para a parte em que eles ocupavam, alugando o outro sobrado.

Cassiana chegou a Nova Vivaldi com a filha e se dizendo viúva. Alugou o sobrado no mesmo dia em que chegou, pois não tinha nenhuma mobília e no imóvel tínhamos deixado várias coisas que poderiam ser

usadas, como fogão, mesa, camas, armários... Pagou inclusive quase um ano adiantado. Não pedi qualquer explicação, mas a mulher fez questão de satisfazer minha curiosidade: era parte do seguro recebido pela morte do marido. A menina contava oito anos na época. Tinha a fisionomia triste, o semblante apagado, a ponto de causar piedade em quem a observava com uma atenção maior e pouco falava, mas a mãe também era de poucas palavras. Ela não parecia ter menos de trinta anos, depois fiquei sabendo que estava prestes a completar quarenta. No dia seguinte ao de sua chegada, vi que uma placa tinha sido colocada ao lado do portão: “Costureira - Cozinheira - Lavadeira - Passadeira”.

Como as paredes geminadas eram finas, costumava ouvir o que falavam se alteravam um pouco o tom de voz. Eram apenas as duas, eu sabia, mas às vezes Cassiana recebia alguma cliente de suas costuras. Isso acontecia bem de forma esporádica, já que a maior parte da clientela preferia ser atendida em sua própria casa. Era muito comum que Manoela falasse alto dentro da casa, o que me causava espanto, já que a menina parecia muda diante dos outros e, mesmo quando alguém lhe dirigia a palavra parecia fazer o possível para não responder. Só que dentro de casa eu ouvia sua fala estridente, suas frases ditas em tom nervoso, suplicante, eu podia ouvir, sim, porém sem compreender muito o significado.

Era estranha, essa garota. Um dia fui ao sobrado perguntar se Cassiana poderia ajudar com a limpeza da paróquia para a quermesse, já que estava frequentando regularmente a igreja, indo a todas as missas, porém sem se envolver em outras atividades organizadas. A menina foi quem me atendeu. Perguntei: “Olá, Manoela, a mãe está?”, não conseguindo qualquer resposta da garota, apenas um olhar paralisado, perdido, como se estivesse longe. “Tudo bem?”, e insisti: “Sua mãe está? Estão com visita?”, e sua resposta me surpreendeu além da estranheza de seu olhar: “Não tem visita aqui não, mas minha mãe também não está. Só o Euzébio está comigo”.

Achei incomum a forma de ela dizer aquilo. Nunca tinha ouvido falar desse tal Euzébio, Cassiana nunca comentara nada, ainda que fosse bastante calada. Para não ficar com a consciência pesada, perguntei quem era o homem. “É meu padrasto”, Manoela me respondeu secamente, o que me causou ainda mais estranheza, já que Cassiana chegara à cidade se dizendo viúva.

“E onde está ele? Não me lembro de tê-lo conhecido. Poderia falar com seu padrasto e deixar um recado para sua mãe?”, indaguei, não sem uma ponta de receio. Esperava, digo francamente, que tudo não passasse de invenção de Manoela, pois pelo contrário, caso fosse verdade, tenho que admitir que ficaria chocada com Cassiana. Nesse dia a menina devia ter já seus dez anos... Não, onze anos. Foi um pouco antes dos Rosenfeld chegarem aqui. Como a mãe conseguira esconder aquele fato da cidade toda, por tanto tempo? E, afinal, por que esconderia?

A resposta de Manoela pareceu novamente ter demorado tempo demais. Quando já pensava em desistir, para minha surpresa sua explicação enfim veio: “Está lá em cima, dormindo. Por favor, não o incomode, a viagem foi longa”. Respondi algo como “claro que não, pode deixar que volto depois”, e reparei que em seus olhos surgiu a maior expressão de alívio que já vi no rosto de uma pessoa. Era alívio, sim, mas misturado com temor, com medo. Fui embora, ainda com receio de que não estivesse fazendo a coisa certa, tecendo conjecturas sobre o que a menina dissera. A viagem tinha sido longa, segundo ela. Euzébio

visitaria Cassiana de tempos em tempos, então? A ideia de que a mulher tivesse um amante de fora da cidade me parecia muito esquisita, esquisita demais. Teria ela vergonha de, já viúva, ter arranjado outro homem? Não me parecia algo de seu feitio.

Não consegui esperar com tranquilidade. Precisava saber do que se tratava tudo aquilo. Quando minha vizinha chegou, encontrou-me no portão de casa. Já era início da noite, e no sobrado todas as luzes estavam apagadas, como se não houvesse ninguém lá. Só que eu sabia, havia alguém. Logo após voltar para minha casa ouvi algumas falas de Manoela se desculpando, pedindo perdão. Dizia que não faria mais. Ouvi também o som de passos apressados, batidas, enquanto a menina falava. Não consegui identificar uma voz masculina. Era apenas a garota quem falava. Por pouco não retornei ao sobrado. Fiquei indecisa sobre o que fazer.

Se eu não chamasse a atenção de Cassiana, ela passaria por mim sem nem perceber minha presença. Vinha cabisbaixa, a passos rápidos, parando quando ouviu meu chamado, se desculpando pela distração. Antes de falar o que eu realmente queria, comentei a respeito da limpeza da paróquia, explicando que tinha ido procurá-la em sua casa. “Só Manuela e Euzébio estavam lá, uma pena”. Quando ouviu o segundo nome, até tentou disfarçar a surpresa, mas foi em vão: “Euzébio? Não, não existe nenhum Euzébio. Isso é tolice de Manoela”, foi o que me explicou, nada mais que isso. Como se a invenção da filha fosse coisa costumeira em crianças daquela idade. Sim, sei que crianças fantasiam. Mas que fantasia era aquela, que criava um padrasto que não podia ser incomodado, de quem se tinha medo, o tanto de medo que vi naquele olhar?

“Sua filha estava em casa sozinha, então?” perguntei, e a outra tomou aquilo como uma repreensão de minha parte. O que em parte era verdade. Caso tivesse uma filha da idade de Manoela, jamais a deixaria só em casa, ou em qualquer lugar que fosse. Estávamos em Nova Vivaldi, mas as notícias de crimes violentos chegavam, vez ou outra, mas chegavam. E só de lembrar que quase dois anos depois a cidade estava em todos os jornais, pelo pior motivo... Sim, fomos todos culpados, cada cidadão que estava aqui à época. Todos nós, que convivemos com essas pessoas sem nos darmos conta do que acontecia. Ou sem nos importarmos. É muito fácil ver as coisas do lado de fora, bem longe, afastados do tudo o que aquilo significava. É tão... reconfortante!

Continuando, Cassiana me dirigiu um “boa noite, estou cansada” e foi para casa, contrariada com a minha pergunta. Era próprio dela tão poucas palavras, só que não costumava ser ríspida. Ah, não, isso não. Tinha toda a paciência do mundo com todos, sempre educada e bondosa. Era a bondade em pessoa, sua vida, porém, beirava à reclusão o tanto quanto lhe fosse possível estar reclusa. E submetia Manoela a esse estilo de vida.

Quando Cassiana começou a costurar para os Rosenfeld, no entanto, muita coisa mudou. E Manoela também. Os Rosenfeld chegaram por aquela época, já era outono, disso me lembro bem, pois tinham começado a frequentar a igreja uns dois ou três meses antes das festividades juninas. Ocupavam o único casarão da rua central de Nova Vivaldi. Tão reclusos quanto Cassiana e Manoela, fugiam da vida social sempre que era possível, indo apenas às missas regularmente. Alguém, não me recordo quem... Ah, sim,

uma das senhoras que trabalhou no casarão, Dona Carolina, contou-me coisas inacreditáveis sobre essa família.

Parece que Franz Rosenfeld, marido de Sarah Rosenfeld, tinha feito certos serviços para a Gestapo anos atrás, no período da guerra. Carolina preferiu até se mudar daqui. Pediu-me segredo, pediu que tivesse cuidado, porque segundo ela “com essa gente não se brinca” e “mas o que é que esse povo da Alemanha nazista vem se esconder justo no país da gente?”. A mulher tinha um filho morando em São Paulo, preferiu ir para lá de uma vez por todas a ficar aqui. Disse que tinha visto certas coisas no casarão que era melhor que não tivesse encontrado: fotos estranhas, cartas escritas em uma língua que devia ser alemão, essas coisas. Bem, se havia alguém que podia ser chamada de “curiosa”, esse alguém era Carolina, era capaz de encontrar qualquer coisa que quisesse, ninguém duvidava disso.

Depois do acontecido, quando os Rosenfeld foram embora, o casarão foi posto à venda e quase o comprei. Na época, pensei que seria melhor me mudar daqui, sair do lado da casa onde tudo aconteceu. Depois acabei desistindo da ideia, pois compraria o casarão após vender os sobrados geminados, mas... quem compraria um imóvel onde houve um crime? Levou muito tempo até que o sobrado fosse alugado novamente, mais de uma década e, mesmo assim, somente depois de eu transformá-lo em dois salões comerciais, que finalmente foram ocupados por comerciantes de fora, não sem uma pequena barganha, levando em conta tudo o que o povo dizia que tinha acontecido.

A verdade é que me sinto mal com tudo o que houve, não adianta me dizer que o tempo vai apagar. Como é possível que lembranças como essas se apaguem? Quando me deito, tenho a impressão de que posso ouvir vozes do outro lado da parede, embora saiba que não há mais quarto, sala, cozinha do lado de lá. Desde aquela época, nunca mais dormi de luz apagada. Contratei alguém para me fazer companhia, uma espécie de enfermeira. Motivos para isso não me faltaram: desde o fatídico dia sinto palpitações, minha pressão nunca mais foi a mesma. Tenho pesadelos. São décadas e décadas, quase três, sonhando com aqueles rostos, aquela cena horrível que tento deixar em um lugar escuro em meio às memórias; mas como esquecer, se mesmo guardadas essas imagens, sei que estão lá?

Como estava dizendo, a vida de Manoela mudou muito quando Sarah e Cassiana se aproximaram. Manoela, já com seus doze anos, passou a ter amizade com as duas crianças da família Rosenfeld, Evelyn e Klaus, gêmeos de seus treze anos. Eram quase dois jovencinhos, tão belos, tão perfeitos, de educação esmerada e, além de tudo, com uma alegria de viver que eu nunca vira em outras crianças. Quem podia lutar contra o encanto daqueles dois? Duvido que alguém pudesse. Falavam o português já sem dificuldade, diferente dos pais, que tinham um forte sotaque germânico, que procuravam disfarçar ao máximo: ele, falando frases básicas, um repertório não muito significativo. Tinham um pouco do sotaque do Rio de Janeiro, pareciam ter vivido por lá uns dois anos, antes de virem para nossa cidade.

Os gêmeos eram tão diferentes de Manoela! Para falar a verdade, até hoje penso o que foi que Evelyn e Klaus viram na garota. O que ela tinha a oferecer a eles sendo tão... tão estranha? Estranha é a palavra certa? Ainda não sei. Em questão de pouco tempo pareciam inseparáveis. Enquanto Cassiana se ocupava de fazer os maisbelos - e desnecessários, diga-se de passagem - vestidos para Sarah, além de novas

colchas, cortinas, toalhas de mesa, os três estavam sempre juntos. Geralmente, era Manoela quem os procurava, mas penso que eles se divertiam muito quando estavam juntos. Os irmãos Rosenfeld já tinham viajado por outros países e deviam ter histórias interessantes para contar à filha da costureira, que não conhecia muito mais do que a pouca instrução que a mãe parecia querer dar a ela. Penso que tinham simpatia pela menina, ou talvez fosse mesmo pena.

Sim, aos doze anos Manoela podia ser considerada uma menina digna de piedade. Estava ainda mais desengonçada do que quando chegara, aos oito. Isso quando não estava ao lado dos irmãos Rosenfeld. Ao lado deles, até parecia melhorar no aspecto e na simpatia. Era uma verdadeira mágica. Algo que muitos notavam e ninguém conseguia entender. Cassiana parecia ter receio da proximidade dos três. Provavelmente não queria que Manoela se deslumbrasse tanto como denotava estar, não queria que se apegasse mais ainda ao que lhe poderia ser tirado de uma hora para outra.

Quando Manoela fez treze anos ganhou de presente uma festa de aniversário no casarão. Uma festa simples, para algumas poucas crianças das casas vizinhas, que decerto tinham ido até lá mais por causa dos Rosenfeld, sem se importarem muito com a aniversariante. Se fosse pela mãe, a garota não aceitaria jamais aquilo tudo, mas os gêmeos insistiram, tinham o apoio total de Sarah para a tal festa, que enfim convenceu a mãe da menina.

E eu não conseguia esquecer o fato de que certa vez Manoela tinha me falado de um padrasto, Euzébio, com um medo indescritível no olhar. Conforme o tempo foi passando, percebi que a garota já não queria ficar mais sozinha em casa. Quando chegava antes da mãe, esperava-a na calçada, o tempo que fosse. Um dia resolvi falar-lhe, convidá-la a ficar em minha casa enquanto aguardava. Isso aconteceu dias depois da festa de aniversário, lembro que usava um dos vestidos que recebera de presente de Evelyn, ironicamente feito por Cassiana.

“Não, obrigada”, Manoela agradeceu. Reforcei o convite, já tendo conhecimento dos hábitos das duas: “Hoje é o dia em que sua mãe chega bem mais tarde. Ela não sabia que você ficaria do lado de fora?”. Ela começou a explicar: “Eu tenho a chave, só não quero...”. Depois parou, como se achasse que o melhor era ficar quieta, por algum motivo. Tomei coragem para perguntar: “E seu padrasto, está em casa?” Manoela me olhou por alguns instantes e apenas fez que sim com a cabeça. “Ele não se importa de você ficar aqui fora? De repente pode chover”, insisti. “É melhor assim. Ele se irrita fácil”, disse ela, enquanto olhava para o nada, evitando me olhar diretamente.

Era difícil não se envolver. Afinal, que ideia era aquela que Manoela concebia, a ideia de que tinha um padrasto? Aquilo era totalmente impossível, durante aqueles meses todos eu tinha procurado saber: não havia homem algum que chegasse à Nova Vivaldi assim, de forma tão sorrateira, a ponto de entrar e sair da casa de Cassiana, ir e vir, sem que ninguém notasse qualquer coisa. Impossível que ele chegasse ou fosse embora de madrugada: não havia ônibus naquele horário. Não havia também qualquer sinal de um veículo estranho próximo ao sobrado. Comecei a desconfiar que a menina pudesse sofrer de algum transtorno, era a única explicação plausível. Sabia que crianças criavam seus amigos imaginários, mas um padrasto imaginário? Alguém de quem parecia não gostar muito, alguém por quem parecia ter medo,

muito mais que apenas receio? Não conseguia imaginar uma coisa daquelas.

“Vou lhe contar um segredo”, sentei-me ao lado dela na calçada. “Pode ser que tenha descoberto, pode ser que não, mas sabia que na casa onde mora há um esconderijo?”. Minha revelação conseguiu chamar a atenção da garota. Pelo visto, ela não o descobrira durante aquele tempo, ou se descobrira, disfarçara muito bem, mas naquele momento não acreditei ter sido esse o caso. “Um esconderijo...”, ela sussurrou, parecendo não entender muito bem o que aquilo significava. Reforcei, então, a magnitude daquele fato: “É, um esconderijo. Daqueles em que, quando entramos, ninguém consegue nos encontrar. Se eu lhe mostrasse, ele poderia ser o seu local secreto, um lugar para ficar quando não quisesse... encontrar com o seu padrasto.”

Fiquei com medo de que Manoela recuasse, que desconversasse, mas pela primeira vez pareceu ter vontade de continuar conversando. “A senhora me mostraria esse lugar?”. Respondi que sim, que em poucos minutos poderia mostrar, antes mesmo que sua mãe voltasse do trabalho. A menina pareceu, de repente, ter se lembrado de que a mãe não estava em casa. “Onde fica?” Percebi que queria ter certeza de que Euzébio não seria incomodado. “No andar de baixo, na cozinha. Seria bem rápido de mostrar.”

Quando se levantou, não acreditei. Não precisou que me dissesse nada, tive a certeza de que aceitara minha proposta quando retirou a chave do bolso do vestido, me olhando como se dissesse “prometeu que seria bem rápido, não me desaponte”. Não foram necessárias as palavras, dada a expressividade de seus gestos. Também respondi apenas com um leve movimento de cabeça. E naquele momento, não sei explicar, me senti mais próxima como nunca estive de alguém, desde que minha mãe falecera. Era como se eu entendesse a quietude de Manoela: ela era solitária demais, assim como eu fora, desde que minha família toda tinha falecido. Não havia com quem conversar, se eu não procurasse por alguém a quem me ouvisse. E eram poucos os que aceitavam minha companhia, quase sempre para assuntos mais triviais, muitas vezes apenas por polidez. Quem se interessava pelo que eu era, intimamente? Quando é que eu conseguira me comunicar assim, com alguém, sem que nada precisasse ser dito com palavras, bastando apenas o olhar?

Antes de entrarmos na casa a menina pediu silêncio, levando o dedo aos lábios. Logo após, abriu a porta com todo o cuidado, trancando-a depois com cuidado ainda maior. Manoela foi em seguida para a cozinha, passos silenciosos, esperando que eu fizesse a mesma coisa, e assim o fiz. “Onde?”, ela perguntou, sussurrando. Apontei um dos armários, coberto por uma cortina. Afastando o tecido leve e amarelado, indiquei uma parte em madeira que parecia sobrar rente a uma das prateleiras. Quando afundei a parte com uma forte pressão de meus dedos o armário pareceu se soltar, abrindo-se como se fosse uma porta, mostrando uma abertura um pouco menor, que agora podia ser percebida atrás dele, fazendo com que Manoela abafasse um gritinho de surpresa.

“É verdade! Agora terei meu próprio esconderijo!”, ela quase não conseguia controlar o tom de voz ao dizer aquilo. Mostrei-lhe que a partir da abertura havia uma pequena salinha, entre a cozinha de sua casa e a minha, e que ainda estava lá um lampião, que poderia ser aceso para iluminar bem o lugar. Havia como colocar lâmpadas em alguns pontos, bastava uma cadeira para alcançar. “Só está bem sujo, afinal,

limpei isso aqui pouco antes de vocês chegarem e depois não voltei mais.” A menina disse que limparia quando estivesse sozinha em casa. Quase me ofereci para ajudá-la, mas ela me perguntou: “Por que não disse a ninguém que tinha um lugar secreto aqui na casa?”

Expliquei que, estranhamente, aquele era um dos meus lugares preferidos, onde meus pais guardavam coisas da família e onde eu passava um bom tempo a olhar fotos antigas, a escutar música em uma vitrola que ainda funcionava e a ler livros. “Quando o lugar estiver mais iluminado, vai poder ver que na parede do canto há uma estante cheia de livros. Eram da minha avó. Agora podem ser seus”, ofereci. Manoela agradeceu com um sorriso, parecendo não se importar muito com as coisas que lhe mostrei. Porém, era possível perceber que estava exultante por descobrir aquele lugar e tê-lo a partir daquele momento como sendo apenas seu. Mostrei a ela como trancar por dentro e como abrir novamente a passagem, o que demorou um pouco por causa do tempo todo em que o mecanismo não fora usado, causando certo receio na menina, mas tranquilizei-a, dizendo que bastava abrir e fechar a passagem todos os dias, que logo o problema estaria resolvido. “E qualquer coisa, é só bater na parede, ao lado da estante, que escutarei, pois será bem ao lado da minha cozinha”, assegurei a ela.

Quando eu já ia saindo da casa, Cassiana chegou. Olhou assustada para nós duas, e pela primeira vez ouvi sua voz alterada, exigindo saber o que eu estava fazendo ali. “Quem lhe deu permissão para entrar? O que faz aqui?”, gritou. E eu, tentando explicar, antes que Manoela dissesse alguma coisa sobre o esconderijo: “A menina não queria entrar sozinha. Achei que podia ficar com ela aqui e... Não incomodamos o Euzébio, não se preocupe, ele nem acor...”, mas não consegui concluir, diante dos gritos insistentes da mulher: “Vá embora! Está doida para se enfiar aqui, não está? O que quer? Vá embora e deixe-nos em paz!”

Claro que saí correndo, temendo que tudo ficasse pior. Antes, observei a expressão de Manoela e, por Deus, a menina parecia congelada, como se apenas seu corpo estivesse ali. Os olhos, inexpressivos, me perturbaram durante vários dias. E por vários e vários dias passava a maior parte do tempo na cozinha, a esperar qualquer batida na parede, anunciando que a garota precisava de mim para alguma coisa, qualquer coisa. De certa forma, o que eu mais queria é que Manoela necessitasse de minha ajuda. A vontade que eu tinha era de denunciar Cassiana por sua negligência. Denunciar a quem? Não sabia, mas estava claro que a filha dela precisava de mais cuidados, algum tratamento que fizesse com que ela parasse de imaginar pessoas que não existiam.

Sim, eu tinha chegado à conclusão de que Manoela criara o tal de Euzébio. Ou, pelo menos, criara a ilusão de que tinha mais alguém naquela casa. Cassiana tinha dito que o tal Euzébio não era real... Mas e se ele tivesse existido? Poderia ser uma lembrança que a menina se recusava a deixar ir embora, algo que ela tivesse materializado além dos limites da realidade. Algo do qual ela não podia - ou não queria - mais fugir. E o que mais me consumia era a questão: por quê?

Depois de algumas semanas sem ouvir uma batida sequer na parede da cozinha e sem nem mesmo ouvir vozes alteradas, passei a ficar mais tempo fora de casa, o quanto mais fosse possível, acreditando que era o melhor para mim mesma. Precisava me ocupar de outras coisas. Comecei a fazer trabalhos voluntários onde quer que fosse necessário: na escola, na biblioteca, no clube... Eu não precisava

trabalhar, pois tinha os ganhos com o aluguel, as aplicações e as economias guardadas por meus pais, rendendo-me um bom dinheiro, o suficiente para que vivesse tranquilamente. Essa era a ilusão que eu tinha antes, a de que minha vida era sossegada demais.

Nos últimos tempos, discordava daquilo. Como viver sem preocupações, se as pessoas que moravam ao meu lado pareciam ter todo um passado a atormentá-las? Podia ser fácil seguir a vida deixando de me preocupar com isso. Eu precisava tentar, precisava esquecer que havia uma menina com problemas desconhecidos aos olhos dos outros, até mesmo aos olhos da própria mãe, bem ao meu lado. A própria mãe poderia ter problemas, não poderia? Talvez... Talvez eu conseguisse descobrir, por mim mesma, de onde realmente tinham vindo, pois não acreditava mais que Cassiana tivesse dito a verdade quando me contou que vinham de Sorocaba. Depois de pensar tudo aquilo, chegava à conclusão de que nada poderia fazer. Eram mãe e filha, deveriam se entender. E se alguém fizesse a mulher compreender que a filha precisava ser atendida por um médico, quem sabe um psiquiatra? De repente, ameaças surtiram efeito.

E decidi que era o que eu faria, ainda mais quando presenciei uma cena que não imaginava durante uma das missas. Cheguei atrasada e acabei me sentando atrás do banco ocupado pelos Rosenfeld e por Cassiana e Manoela. Deixei que meus pensamentos ficassem absortos, concentrei-me mais em observar as duas famílias do que nas palavras ditas pelo sacerdote. Em um determinado momento vi Franz, marido de Sarah, entrelaçando seus dedos aos dedos da mão esquerda de Manoela, momento em que um sorriu para o outro, enquanto os outros estavam distraídos em fervorosas orações, a grande maioria com os olhos fechados.

Fechei os olhos e abri novamente, como se quisesse confirmar o que vira, mas as mãos agora estavam separadas e os dois agiam como se nada tivesse acontecido. Para minha surpresa, porém, em seguida percebi que agora Manoela entrelaçava sua outra mão com a de Klaus, que estava à direita da garota. Mas, diferente do que acontecera com ela e Franz, dessa vez os dois pareciam não se importar que todos vissem. E muitos devem ter visto, suponho que sim.

Não consegui esperar pelo final da missa. Saí apressada, tentando respirar melhor fora da igreja. A lembrança das mãos do chefe da família Rosenfeld e de Manoela me embrulhou o estômago. Atordoada, não conseguia definir se tinha sido minha imaginação ou realidade, ainda mais pelo gesto entre Klaus e a menina, logo depois. Só conseguia perguntar a mim mesma porque estava tão abalada, se nem mesmo conseguia definir se aquilo tinha sido uma visão ou não. E não deveria ser esse o motivo da minha preocupação? Meu estado emocional?

Quando as pessoas começaram a sair, eu ainda estava do lado de fora, encostada na mureta lateral. A menina Evelyn veio me cumprimentar, perguntou se eu estava bem, agiu da forma como costumava ser, sempre alegre. Destoava dos outros: de seus pais, do irmão, de Cassiana e Manoela, todos com o semblante fechado, sérios. Acho que respondi que não tinha sido nada, que fora apenas uma súbita indisposição, e o grupo não esperou mais desculpas, foram embora assim como os outros, assim como eu mesma, logo que vi que o carro dos Rosenfeld já tinha partido.

Foi preciso que eu me segurasse para não ir até a casa ao lado naquele mesmo dia. Com muito custo aguardei o dia seguinte, quando procuraria a menina depois que a mãe sáísse, perguntando a ela o que realmente tinha acontecido. E, quando o dia seguinte chegou, não precisei ir até lá por minha vontade: Manoela me chamou, com as pancadas na parede da cozinha. Ela só podia estar no porão. Procurei em uma caixa a cópia de chave que abriria a porta principal, pois certamente estava trancada. Fui até lá, procurando não correr pela rua para levantar suspeitas. Antes de entrar, olhei para os lados, tendo a certeza de que ninguém tinha a atenção sobre mim.

Quando cheguei à cozinha, vi a cortina do armário afastada. Apertei a pecinha de madeira e o armário pareceu não querer ceder muito. Insisti e finalmente o móvel saiu do lugar, abrindo a passagem, por onde Manoela saiu, desesperada e esbaforida. Perguntei se era a primeira vez que entrava ali depois de eu ter lhe mostrado o esconderijo e ela afirmou que não, que entrava ali quase todos os dias. “Acho que Euzébio me trancou aqui”, explicou, para minha preocupação.

“Manoela”, comecei dizendo, enquanto fazia com que ela se sentasse. “Quem é Euzébio? Digo, sei que ele é seu padrasto, você afirma isso, mas qual é a história dele? Pensei que ele tinha ficado lá, onde vocês moravam, não ficou? Ele seguiu vocês até aqui?”, foi um bombardeio de perguntas, mas eu precisava saber. A menina ficou em silêncio, mas eu precisava de alguma resposta, uma que fosse, naquele momento.

“Euzébio era amante de mamãe. E o marido de mamãe, Alfredo, o matou, quando chegou de uma de suas viagens de trabalho e o encontrou em casa. Depois Alfredo saiu de casa, como se nada tivesse acontecido. Sumiu, desapareceu. Só depois de dias foi que encontraram o corpo. Morto. Tinha se matado, disseram. Tentaram esconder de mim, só que ouvi bem quando contaram. Tenho certeza de que foi o Euzébio”, ela contou, parecendo estar com dificuldade de respirar. “Como assim? Quem matou o seu pai, afinal?”, perguntei, ainda sem saber se acreditava em tudo aquilo.

“Alfredo não era o meu pai. Meu pai era o Euzébio. Eu o chamo de padrasto porque quem me registrou foi o Alfredo, a pedido de minha mãe. Não gosto dessa palavra, ‘amante’. É horrível. E se Euzébio veio atrás de nós, se posso vê-lo, então ele não morreu. Foi mamãe, tenho certeza. Foi ela quem escondeu meu verdadeiro pai, colocou o corpo de outro morto no lugar. Aquele homem que vi, ensanguentado, caído no chão sem vida, não podia ser o Euzébio. Ele me disse que nunca ia morrer. Que era só eu prometer que nunca contaria para o Alfredo que ele aparecia em casa, que jamais ia me abandonar. Ele cumpriu o que prometeu, mas ninguém pode saber, por favor, você não pode contar a ninguém!”

A fala de Manoela era descontrolada. Ao me contar tudo aquilo, podem ter certeza de que não foi exatamente com toda essa coerência. E, me desculpem, nem eu mesma sei se estou sendo fiel em meu relato. Contudo, o que pude constatar foi que a menina realmente precisava de um psiquiatra, se tinha tudo aquilo como verdade, principalmente se acreditava que Euzébio não estava morto. Se é que ele havia existido.

“É melhor você não ficar sozinha aqui, pelo menos não enquanto sua mãe não voltar”, foi só o que consegui dizer a ela. “Vá, para a casa dos Rosenfeld. Espere... Quanto ao Sr. Franz, eu preciso saber... Ontem, na igreja, por acaso ele tocou em você?”, consegui perguntar. Manoela mostrou não compreender a pergunta. “Como assim, tocou? Não, ele não encostou em mim. Você estava logo atrás de nós, não estava? Não percebeu que fiquei entre Evelyn e Klaus?” Não, eu não tinha percebido. Para mim, era o Sr. Rosenfeld e não a filha quem estava ao lado de Manoela. Por Deus, o que estava acontecendo comigo? As palavras da menina me deixaram atordoada.

Naquele dia não fui fazer os trabalhos voluntários. Tudo aquilo que acontecera não me deixava em paz, algo que talvez eu só conseguisse sentir quando conversasse francamente com Cassiana. Era o que eu pensava antes da conversa, mas quando ela aconteceu, vi que a tal paz que eu precisava poderia nunca estar disponível para mim, como hoje sei que não estive mesmo, nunca estive. O fato é que à noite Cassiana veio me procurar. Estava tão tranquila que me assustou. Tinha ido para casa primeiro, e logo depois Manoela também chegara. Durante algum tempo ouvi gritos da menina, como se estivesse revoltada com algo. Reconheci a voz alterada da mãe e, quando a vi tão calma diante de mim, tive receio.

“Manoela me falou sobre a conversa de vocês de hoje. Não posso dizer que tudo o que ela contou não seja verdade, mas certamente a versão para o crime é a versão dela do que aconteceu, não representa a realidade. A realidade é bem mais trágica. Deve ter percebido que minha filha fantasia as coisas, da forma como lhe convém. Eu tento protegê-la do mundo, mas começo a recear que minha atitude de benevolência para com Manoela esteja fazendo com que ela se prejudique ainda mais”, ela confessou. “Acho que precisamos mudar daqui. Sim, vamos nos mudar. É melhor. Ela está muito apegada aos Rosenfeld, isso não é bom. Imagine, até me pediu que eu deixasse que Franz e Sarah a adotassem! Veio me dizer que uma hora eu deveria pagar pelo que eu tinha feito e ela não queria ir para o orfanato. Mas não fui eu quem cometeu o crime, embora possa jurar que, por ela, confessaria qualquer coisa, me tornaria culpada de qualquer coisa. Ela é a minha filha, não é?”

“Sim, ela é sua filha. Podem ir embora, mas quantas vezes farão isso? Manoela está crescendo, logo haverá outros interesses para ela, se já não existem...”, comecei, e ela me perguntou o que eu queria dizer com aquilo. “Cassiana, sua filha parece estar apaixonada por Klaus. Percebi isso na igreja. Os dois estavam de mãos dadas, pude notar por estar no banco de trás. Talvez tenha sido esse o motivo do pedido de adoção. É certo que pode ser algo passageiro. Quando se mudarem, ela deve sofrer por um tempo, mas... O tempo apaga muitas coisas. Em minha opinião, porém, do que mais Manoela precisa é de atendimento psiquiátrico. Isso pode piorar...”

Cassiana me interrompeu. Não podia sequer cogitar aquela possibilidade. Frisou que sentia pavor só de pensar na filha internada, levando choques, sendo tratada como um bicho, seria como condená-la à morte. A mulher me confessou que sua irmã, a tia de Manoela, terminara seus dias dentro do sanatório, ainda na juventude, depois de menos de um ano de internação. “Não, eu não conseguiria fazer uma coisa dessas!”, afirmou com veemência. E mais, iriam embora o quanto antes, bem antes de vencerem os meses de aluguel que ainda estavam adiantados, pois ela continuara a pagar-me com grande antecedência, ano após

ano. “Graças a Deus, não precisamos desse dinheiro”, enfatizou. Foi embora após a última palavra sobre o assunto.

A imagem que prefiro ter de Cassiana é a dela se despedindo de mim. Foi a última vez em que a vi com vida. Durante quase uma semana, a única pessoa do sobrado ao lado que via sair ou entrar fora Manoela. Sempre apressada, chegava e saía, várias vezes por dia. Pouco tempo depois da última conversa com a mãe encontrei a menina na rua e perguntei por Cassiana, se já sabia quando as duas partiriam, fingindo que havia uma pessoa interessada em alugar o sobrado. A menina pareceu pensar um pouco no que deveria me falar: “Ah, ela não avisou a senhora? Mamãe pensou bem e achou melhor ficarmos. Isso não é maravilhoso?”

Sim, era maravilhoso. Mais estranho que maravilhoso, claro. Não consegui digerir aquelas palavras. Depois de tudo o que Cassiana me dissera naquela noite, há quase uma semana. Decidi que precisava ouvir da boca da própria mulher o que Manoela acabara de me contar. “Então diga para sua mãe me procurar em casa, hoje à noite, para conversarmos sobre isso”, pedi à menina, que concordou de cabeça e continuou seu caminho, apressada. Naquele instante tive a sensação de que a mulher não me procuraria, como realmente aconteceu.

Posso ter deixado passar quase duas semanas por me negar a crer que o pior tivesse acontecido. Estava cega. Não conseguia admitir que algo fatal pudesse ocorrer. Depois me lembrava do relato de Manoela sobre as mortes daqueles dois homens, e sobre minha própria visão de Franz e Manoela na igreja... O que era realidade? O que era apenas uma visão?

Naquela tarde fatídica de sábado fazia exatamente três semanas que Cassiana fora à minha casa, avisando sobre a mudança. O tempo passara tão rápido que eu nem me dera conta, apenas quando olhei na folhinha do calendário que percebi. Pode ser que eu não quisesse pensar a respeito, ou adiar aquilo ao máximo, ou então que todos soubessem. Quando foi que Cassiana deixara de ser vista? De comparecer às casas onde trabalhava? De atender aos que procuravam por ela no portão do sobrado? Era cômodo ouvir da filha que ela não estava, que tinha ido trabalhar na cidade vizinha, ou em qualquer outro lugar e ficar tudo por aquilo mesmo. A culpa maior, porém, era minha. Eu, que estava quase sempre ali, tão perto, que podia escutar o que acontecia no sobrado ao lado, que tinha ouvido segredos e confissões.

Foi quando ouvi as batidas na parede da cozinha. Na hora pensei em Manoela, que provavelmente ficara presa de novo dentro do esconderijo. Peguei a chave e fui até lá. Estava tudo escuro. Primeiro bati na porta, desejando que Cassiana pudesse atender e finalmente saber do lugar secreto, que eu na verdade não devia ter escondido dela em momento algum. Não houve resposta. Entrei e acendi a luz da sala, depois a da cozinha. Olhei para o armário e vi que a cortina amarelada estava no lugar, diferente da outra vez. Afastei o tecido e ainda pensei se deveria mover o armário. Eu ouvira apenas uma vez as batidas. Elas não se repetiram depois. E se aquilo fosse apenas fruto da minha imaginação?

O jeito era mover o armário, e foi o que fiz, apertando a peça de madeira. Na hora em que a passagem

ficou livre, pude sentir um odor que entrou por minhas narinas, imediatamente embrulhando-me o estômago. Nunca sentira cheiro tão podre em toda a minha vida. Encontrei um pano de prato e com ele tampei metade do rosto, para depois acender o lampião. E me deparar com a cena grotesca à minha frente. Levantei o lampião à altura dos olhos, o suficiente para me dar conta de que *aquilo* era Cassiana. Uma massa quase disforme, um amontoado de roupas, o sapato que usava quase todos os dias para trabalhar, o cabelo revoltado... Chorei, os soluços saindo abafados pelo pano que cobria nariz e boca.

Quando saí daquele lugar fétido, para meu terror, Manoela ocupava uma cadeira na sala. E me olhava, calada. Lembro que disse à menina algo como “O que fez? Por quê? Era sua mãe”, coisas desse tipo. Ela, calma, deu-me respostas que nada tinham a ver com o que eu perguntara: “Você tem uma cópia da chave, não tem? Já vi você discutindo com mamãe na rua, lembra disso? Foi você quem me contou sobre o esconderijo, onde o corpo dela está agora. Euzébio me disse que você pode muito bem ter vindo aqui e feito isso com a *minha* mãe. Ela era tão boa, não era? A mãe mais bondosa que alguém poderia ter. A mãe que você gostaria de ter sido, consigo sentir o ciúme que tem por ela, pensa que não notei?”

“É isso, vai me culpar pelo que você fez, menina?”, perguntei a ela, querendo saber até onde seria capaz de ir.

“Pessoas desequilibradas podem fazer essas coisas, não podem? Pessoas que pensam ter feito uma coisa e fizeram outra. Pessoas que pensam ter visto algo que não condiz com a realidade, como no seu caso, que viu algo entre mim e o Sr. Rosenfeld que jamais existiu. Faz tempo que está doente e não sabe?”, foram suas palavras. Estremeci diante delas. A menina demonstrava uma maturidade além do que eu poderia pressupor.

La dizer que ela não tinha coragem. Mas sim, tinha. Na hora, quase pensei em acabar com Manoela ali mesmo. Não há mais o que esconder. Tive esse ímpeto, sim. Só que eu precisava dar razão à menina. Qualquer um que ligasse os fatos, os meus lapsos de realidade, as coisas que tinham acontecido, qualquer um que fosse mais atento poderia me tomar como culpada. Seria a minha palavra contra a dela.

Decidi, então, seguir o que achava que era o certo, e pagar da forma como me fosse estipulado. Eu mesma fui à delegacia e fiz a denúncia. Conteí tudo o que acreditava saber. Levei os policiais ao sobrado, e Manoela ainda estava lá, sentada no mesmo lugar, dessa vez chorando. Usei minha própria chave, que depois entreguei ao delegado. Quando mostrei a todos como se abria a passagem, Manoela se descontrolou e começou a gritar. Tive que acompanhar os policiais para prestar mais esclarecimentos. Acreditei que seria indiciada por aquele crime. Para minha sorte, porém, a própria Manoela fez com que eu fosse inocentada, quando pediu que chamassem Euzébio, alegando que ele cuidaria dela. Havia também o fato de que nada contra mim tinha sido encontrado relacionado ao crime, no local. Já a faca usada para matar Cassiana estava dentro do colchão da cama que Manoela dizia ser de Euzébio.

Depois fui chamada para prestar depoimento várias vezes, assim como os Rosenfeld e outras pessoas que acompanharam momentos da vida de Cassiana e Manoela. Fui impedida de deixar a cidade por um

tempo, devendo estar à disposição da justiça, mas eu não tinha para onde ir mesmo! Por fim, Manoela foi condenada de acordo com sua idade e sua incapacidade psicológica. Quando isso aconteceu, já estava internada na ala infantil de um hospital psiquiátrico, de onde não se sabia quando sairia. Não houve evolução no seu quadro, pelo menos isso não aconteceu nos primeiros anos, quando ainda obtive informações a respeito da menina. Pensei até em ir visitá-la, mas achei melhor não. Ela não merecia uma atitude tão benevolente de minha parte. A mãe dela estava morta, por sua culpa. Manoela tinha matado a única pessoa que escolhera ser sempre boa com a filha, mas agora só lhe restavam os mortos que ela teimava em acreditar que estavam vivos.

E eu fiquei com as lembranças e os segredos. Bem, os segredos não estão mais guardados. Todos saberão, não apenas promotores e juízes. Muitas pessoas me perguntaram o que realmente tinha acontecido e eu só conseguia responder: “uma tragédia, não vale a pena falar”. Quando foram autorizados, os Rosenfeld se mudaram de Nova Vivaldi, provavelmente Franz estava com mais medo de que seu passado com relação ao nazismo pudesse ser descoberto do que qualquer implicação que pudesse ter com o caso Torres.

Só duas dúvidas confesso que terei enquanto viver: o que vi na igreja, entre Franz e Manoela, foi real? E como pude ouvir as batidas na parede da cozinha, se Cassiana estava morta há semanas? Às vezes, aceito que não, não foi real. Na maior parte do tempo, porém, minha impressão é outra. Mas é melhor não falarmos sobre isso. É melhor encerrarmos por aqui.